

FORMAÇÃO DE LEITORES: UM DEDO DE PROSA

QUADROS, Deisily de – PMC
deisily@uol.com.br

ROSA, Viviane Maria Cristine Dias – PMC
vdiasrosa@yahoo.com.br

Área Temática: Teorias, metodologias e práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O livro ganha vida quando aberto por seu leitor. E o leitor, ao dar vida ao livro, adentra um mundo de magia e fascínio, um mundo imaginário capaz de suscitar as mais diversas emoções. O pequeno leitor caminha por essas veredas conduzido, inicialmente, pela voz do adulto: é a figura da mãe, do pai, da avó contando história. Esse mesmo leitor, mais tarde, será convidado por imagens e palavras a vivenciar esse mundo inusitado. As histórias que saltam dos livros quando este é aberto seduzem e encantam a criança leitora. E uma das funções da escola é promover esse encontro, na tentativa de despertar no aluno o gosto pela leitura. O espaço escolar certamente é responsável por convidar a criança a abrir um livro e viver um mundo desconhecido, por formar leitores que se encantem com histórias, brinquem com palavras e imagens, se percam e se encontrem no emaranhado de personagens, sorriam, chorem, sofram diante de um bom enredo, enfim, sejam tocados afetivamente e descubram-se uma, duas, várias vezes a cada livro que é aberto e tocado pelo olhar voraz de leitor. É sobre essa relação da literatura, da escola e da formação de leitores que discutiremos aqui, entremeando teorias, reflexões e experiências docentes. Com isso, pretendemos abordar um dos maiores compromissos dos educadores: a formação de leitores. Para tanto, pensaremos na literatura como arte, como transformadora, como atividade de descoberta e de encantamento. E na escola como ambiente estimulador e formador, que propiciará o encontro do texto literário com a criança leitora. Encontro esse que resulta em produção de sentidos e afetividades, em descobertas e compreensão do mundo.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Formação de leitores; Leitura na escola.

Introdução

*É preciso ler isto, não com os olhos,
mas com a memória e a imaginação.*
Machado de Assis

A literatura infantil envolve, simultaneamente, a emoção e a razão. Histórias que seduzem e despertam o imaginário das crianças, a literatura infantil é pensamento e arte, e o encontro do texto literário com a criança leitora resultará na produção de sentidos e de

afetividade. Cabe à instituição escolar criar esse encontro e aceitar o compromisso de ser uma agente da leitura, despertando no aluno o gosto pelo texto literário, formando, assim, leitores.

O livro literário é um fértil e essencial alimento para a imaginação, para o pensamento e para a criação. Possibilita o leitor a caminhar pelo desconhecido, vivenciando diferentes emoções. Desse modo, um dos desafios do educador é convidar a criança a abrir um livro e adentrar um mundo inusitado a ser descoberto.

A literatura e o leitor

O texto literário invoca o caráter imaginário ao ser lido. O conhecimento da literatura suscita experiências culturais e históricas, leva o leitor a se reconhecer enquanto indivíduo e ser social, abre um caminho de sonhos e possibilidades. “A literatura, em sua natureza representativa e mimética, transforma em linguagem essa necessidade humana de construção da singularidade” (COSTA, 2007, p.99), aproximando minimamente o leitor daquilo que ele acredita ser sua identidade.

Enquanto criação da linguagem, a literatura tem uma característica social. É por meio da linguagem que se dá a interação do autor e do leitor. Tem também uma característica humana, já que trata de assuntos e temas que têm relação com a vida, como sentimentos, temores, desejos e afetos. Por esse motivo, desperta sentimentos no leitor, estimulando o desenvolvimento do pensamento, a formação dos valores ideológicos e alimentando o imaginário.

A literatura evoca o imaginário do leitor porque cria uma outra realidade, que apresenta o que se acredita ser o real. É exatamente essa característica que dá ao texto literário o caráter de fantasia e de imaginação:

O uso da fantasia na literatura infantil é mais um recurso de adequação do texto ao leitor (...) já que a criança compreende a vida pelo viés do imaginário. A partir da transfiguração da realidade pela imaginação, o livro infantil põe a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos. (AGUIAR, 2001, p.83).

Para Vygotsky, a linguagem ajuda a criança a direcionar o pensamento. A literatura, enquanto linguagem, mais do que auxiliar a criança a se familiarizar com a linguagem visual ou escrita, serve de estímulo para o desenvolvimento do pensamento e da imaginação. Portanto,

A convivência com poemas, narrativas ou textos dramáticos, além da ilustração ou das imagens visuais, que passaram a integrar necessariamente o livro de literatura infantil, faz com que a criança desenvolva habilidades de manuseio, de entendimento e de relação entre linguagens diversas. Muito mais do que isso. Ela forma as referências simbólicas, afetivas e de pensamento que irão permanecer na memória e influenciar pensamentos futuros. (COSTA, 2007, p.27).

No momento em que o leitor depara-se com um texto literário, não é apenas a imaginação que é acionada: recursos cognitivos como a atenção, a memória, o esforço mental, a vontade, a disponibilidade, o estabelecimento de relações, a seleção e as inferências também são. E são essas inferências que contribuirão para a atribuição de um significado ao texto.

Desse modo, é o leitor que irá colaborar, atribuindo um sentido ao texto. O entendimento deste se dará a partir do repertório de experiências vividas, ouvidas, imaginadas ou lidas que o leitor possui. Assim, é o leitor que dá vida ao livro, iluminando-o com uma nova interpretação.

O leitor, portanto, é um dos componentes que constitui a literatura, juntamente com o autor e a obra. É no final da década de 60, com a teoria da recepção, que o papel do leitor ganha importância e que a sintonia entre os três componentes da literatura passa a ser considerada: “o **autor**, ao construir o **texto** de imaginação em linguagem criativa, propõe ao **leitor** um desafio e um contrato”. (Grifo nosso). (COSTA, 2007, p. 65).

A Estética da Recepção, teoria da análise literária que se concentra na forma como um texto é recebido pelo leitor, proporcionou uma mudança de orientação nas análises da literatura, que passam a não mais se concentrar com exclusividade na mensagem do texto, mas nos efeitos deste e sua recepção. Em 1967, Hans Robert Jauss faz um pronunciamento titulado “A história da literatura como provocação”, na Universidade de Constança, sobre seus estudos acerca da recepção de uma obra. O teórico encara o texto como algo que muda com as leituras, as quais seriam um diálogo do leitor com a obra. Para Jauss, o leitor lê um texto em função de modelos resultantes da sua experiência da literatura, de seu “horizonte de expectativas”, e aceita ou não que determinada obra infrinja o seu paradigma de texto. Essa relação entre literatura e leitor possui implicações estéticas e literárias. Estética porque o leitor avalia o valor estético de uma obra pela comparação com outras obras que já conhece. É o que Jauss denomina repertório. E histórica porque a compreensão da obra pelos primeiros leitores tem uma continuidade, enriquecendo-se a cada geração, a cada leitura. Há, portanto, uma cadeia de recepções, o que faz com que o sentido de uma obra seja histórico e não imanente.

Outro representante da Estética da Recepção seria o também alemão Wolfgang Iser, que marcou o início desta teoria literária com o texto “A estrutura apelativa do texto”. Volta seus estudos ao efeito que um texto causa no leitor e considera-o também autor da obra, visto que se portará ativamente em relação a esta. Esse efeito dependerá do “repertório” que cada leitor possui para preencher os “vazios” suscitados pelo texto. Essa relação só se torna possível porque o texto concebe já sua recepção na formulação de um “leitor implícito” que deverá ser explicitado no ato da leitura. Esta relação ocorre porque os efeitos da leitura já estão, portanto, desenhados na formulação do texto, concebido como interação entre sujeitos. Portanto, “se o leitor estrutura o texto graças às suas competências, então isso significa que no fluxo temporal da leitura se forma uma seqüência de reações, na qual a significação do texto é gerada”. (ISER, 1996, p.69).

Atualmente, se dá grande valor ao trabalho de compreensão de textos pelo leitor, o modo como ele percebe a avalia o que lê. É o que acontece em nossas aulas: percebemos, a cada história, a cada poema, o modo como as crianças se relacionam com o texto literário, as emoções que são provocadas, os sentimentos despertados. O papel do professor é favorecer o acesso do aluno à diferentes textos literários e mediar esse encontro do leitor com a obra, ampliando assim o repertório do aluno e levando-o a novas descobertas. E são essas descobertas constantes que se dão no contato da criança com o livro que nos faz acreditar no nosso compromisso enquanto educadores de formar leitores.

A escola e a formação do leitor

A escola tem como fundamento ensinar a escrever e a ler. E por que não incluir como fundamento a formação de leitores? Cabe sim à escola inserir a criança no mundo de encantamento que a literatura traz. A escola, enquanto instituição social, e os professores, enquanto agentes da leitura, são responsáveis pela promoção do crescimento do leitor,

seja pelo contato com muitos e variados temas de leitura, seja quanto ao formato da escrita literária, seja, ainda, pelo compartilhamento e pela discussão de idéias com o uso da argumentação sólida e coerente. (COSTA, 2007, p.10).

A escola tem a função de auxiliar no desenvolvimento global da criança, contribuindo para a constituição da sua identidade, do seu autoconhecimento, como afirma a LDB – Leis de Diretrizes e Bases:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (LDB, 1996, p.29).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) também reconhecem a importância do trabalho com o texto literário nas práticas cotidianas de sala de aula e recomendam a leitura de textos literários, objetivando a formação do leitor e, portanto, o desenvolvimento e a transformação do indivíduo.

A leitura pode ajudar no desenvolvimento integral da criança, bem como a modificar o indivíduo e a educação, e ser uma das ações para melhorar as condições de cidadania. Apesar dos argumentos e textos contrários, que afirmam ser essa uma “visão salvacionista da leitura”, concordamos que o texto literário incentiva o imaginário, o lúdico e o prazer, além de permitir a reflexão e o desenvolvimento da sensibilidade e do senso crítico da criança leitora. E uma criança leitora tem grandes possibilidades de se tornar um adulto leitor, o que consentirá a atuação contínua do literário no indivíduo.

Para que a literatura cumpra seu papel de encantamento no imaginário do leitor, é fundamental o trabalho do professor. Ele será o mediador e condutor do trabalho realizado em sala de aula, demonstrando a utilidade do livro e o prazer que há no ato de ler. Segundo Regina Zilberman,

ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais (...) em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN, 2003, p.28).

No entanto, para que o professor seja um agente da leitura, ele deve deixar-se encantar pela literatura. Segundo a educadora Tânia Zagury, em seu livro *O professor refém* (2006), a recepção da criança depende da capacidade do professor de gostar daquilo que está lendo e ensinando. Portanto, é fundamental que o professor seja também um leitor e acredite que a literatura é de fundamental importância no desenvolvimento do indivíduo.

A criança compreende o mundo pelo viés da fantasia. A literatura tem a capacidade de transfigurar a realidade pela imaginação, pondo, portanto, a criança em contato com o mundo a partir do imaginário. Há, então, nessa utilização da fantasia e na resposta encontrada pela literatura uma das mais importantes razões para que a escola trabalhe com a literatura infantil. No entanto, é preciso elucidar que a literatura não pode ter um caráter utilitário na escola. A

literatura basta por sua fantasia, por ter a capacidade de mostrar à criança mais do que o ambiente em que vive (família, história e vida social). A literatura não é uma ferramenta para trabalhar Língua Portuguesa ou Matemática, é uma arte com fim em si mesma. O que a ficção concede ao leitor é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica. Para Regina Zilberman,

a literatura infantil (...) é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. (...) Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional que aponta a um conhecimento de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever), ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Portanto, a leitura de textos literários com a finalidade instrumental reduz a qualidade literária e a função poética dos textos até o desaparecimento da literatura entendida enquanto arte. “A literatura passa a ser pretexto para enfoques e abordagens que a distorcem e mutilam”. (COSTA, 2007, p.125).

Não é exagero afirmar que se a escola insistir somente no conhecimento está eliminando qualquer possibilidade do aluno ver na literatura um sentido relevante e diverso daquele que pode ser encontrado nos livros didáticos, nas enciclopédias e nos textos informativos. A literatura é um estímulo à criatividade, na medida em que mobiliza a imaginação do leitor. Como afirmou Moacir Scliar na palestra ministrada na Semana Pedagógica de 2007 da Rede Municipal de Curitiba, “ao estimular (de maneira criativa) a leitura, a escola está dando um poderoso impulso não só ao progresso pessoal do aluno, como ao progresso da sociedade em geral”. (www.cidadedoconhecimento.org.br).

Assim, o professor deve considerar o caráter de criação artística e propor exercícios criativos apenas quando considerar necessário para uma maior compreensão do texto lido. Isso porque aprender a ler não é o mesmo que saber preencher questionários ou dar a resposta esperada pelo professor.

Aprender a ler significa aprender a encontrar sentido e interesse na leitura. Significa aprender a se considerar competente para a realização das tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem”. (SOLÉ, 1998, p.172).

Na escola, a atividade de contar de histórias enquanto recurso pedagógico no ensino de literatura e no processo de formação do leitor é uma atividade que vem ressurgindo de uma nova prática social, ou seja, a idéia tradicional de leitura de texto literário vinculada a uma

atividade (desenho, escrita, resumo, fichas de leitura) vem sendo substituída pela literatura como fonte transformadora e de prazer. Os contadores de histórias vêm ocupando cada vez mais os espaços na sociedade contemporânea, modificando o próprio ambiente formal de bibliotecas, teatros, livrarias, museus, escolas e salas de espetáculos. Qualquer que seja o espaço físico, demonstra o gosto de crianças e adultos por ouvir histórias, ocasião em que os contadores promovem momentos de lazer, formam opinião e desenvolvem em seus interlocutores a percepção por essa atividade. A escola, como um dos espaços sociais onde o indivíduo passa grande parte de sua vida, não pode ficar isolada desse contexto. Sendo assim, o professor aprimora-se da responsabilidade de contar histórias e promover o contato com o literário, com o intuito de fazer a criança entrar num mundo imaginário, num espaço que se abre ao aluno, aproximando ficção e realidade.

A atividade de contação de histórias é de natureza cultural, artística e lúdica, mas também pedagógica, que pode estar ao alcance do professor para ensinar literatura, por isso o professor, que utiliza tal recurso em sala de aula, acentua a imaginação dos leitores, desenvolve a capacidade de percepção do objeto literário como instrumento de informação e experiência, provoca o interesse pela leitura e concorre para a formação do leitor a partir do instante em que os alunos são motivados a ouvir histórias para daí analisar o que aprendeu. É necessário sistematizar a atividade de contação de histórias em situações de aquisição da linguagem e experiências com o texto literário, pois a leitura transforma e engrandece o ser.

E é o professor que promoverá o contato da criança com o texto literário, levando-a a se sentir recompensada seja porque aprendeu, seja porque venceu obstáculos ou seja porque se emocionou ao ler. É o professor que esclarecerá um tema profundo e complexo e encorajará a criança a perseverar na leitura, aprendendo a lidar com as dificuldades de um texto mais complexo.

Desse modo, professor e aluno devem integrar-se no processo da leitura de textos literários. Esse processo envolve diferentes e atuantes sujeitos: o autor, que constrói com beleza e intenções o texto, a criança leitora, que busca com o repertório que possui de outras leituras atribuir sentidos a essa literatura, e o professor mediador, que será o responsável por criar um ambiente proveitoso e enriquecedor de leitura.

Ler se aprende lendo. E o papel do professor é fundamental enquanto mediador e exemplo de leitor pois, aprender a ler requer que se ensine a ler. E aprender a ler não é um luxo, mas uma necessidade, é emancipar-se e reconhecer-se como indivíduo e ser social, é

vivenciar emoções e aprender a lidar com elas, é adentrar mundos imaginários aonde os pés não podem ir, somente o pensamento galopando a fantasia.

Era uma vez... algumas considerações

Era uma vez... Isso é o que propomos aos nossos alunos com a prática que desenvolvemos em sala de aula: um convite para adentrar o mundo da imaginação. A cada livro aberto, poemas, contos, crônicas e romances saltam e invadem a sala de aula. E com isso, emoções e reflexões são provocadas.

Muitas vezes nos deparamos com a resistência dos alunos: “não gosto de ler”, “esse livro é muito grande”, “o que vamos ter que fazer depois da leitura?”; “eu não gosto de poesia”; “ler é chato”; “quero esse livro porque tem muitas figuras”. E o que observamos e constatamos com alguns projetos de literatura que realizamos, é que quanto maiores são as crianças, mais resistência encontramos.

A literatura está arraigada na cultura popular. As parlendas, quadrinhas, contos-de-fadas invadem o imaginário da criança desde bebê. Então por que a criança, à medida que cresce, parece desgostar de ler? Atribuímos esse fato ao modo como a escola trabalha com a literatura. O texto literário é usado como suporte para trabalhar Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Alfabetização, ou seja, há uma visão utilitarista da literatura. E o aluno vai deixando de apreciar o literário, que ao invés de expressão criadora, torna-se matéria aprisionada.

Esse caráter utilitário da literatura que ainda está presente na escola tem sua origem nos primeiros escritos literários que foram produzidos para o público infantil nos fins do século XVII e durante o século XVIII. Estes textos foram produzidos por educadores, tendo um forte caráter educativo e, portanto, uma finalidade pragmática, já que visavam a manipulação do indivíduo.

No entanto, com o desenvolvimento dos projetos de literatura no decorrer do ano letivo, observamos uma grande transformação nos alunos, e o ambiente da sala de aula vai tornando-se um espaço de leitura. Isso demonstra claramente que é possível despertar o gosto pela leitura quando o texto literário é valorizado como pensamento e arte, como *inutensílio*, como brincadeira. É da ossada do professor tornar o ambiente escolar propício para a leitura.

Segundo Celso Sisto, a criança precisa de “um empurrãozinho” do professor para tornar-se leitora:

Criança tem o olhar aberto para o poético na medida em que ela tem o olhar exercitado para brincar. Mas precisa ser incentivada a brincar com a língua por meio de muitos jogos de palavras: ditados populares, cantigas de todo tipo, de roda, de ninar, parlendas, quadrinhas, os poemas em si. Também ajuda viver em um ambiente em que impere a poesia, ter tido liberdade para olhar o mundo de modo detido, ainda que seu tempo de concentração seja diferente daquele do adulto, demorado e com minúcia. Afinal, criança é poeta quando em seus achados cotidianos desvenda um ângulo diferente para ver as coisas e para expressá-las verbalmente. (CARPINEJAR, mar. 2008, p.07).

Demos esse “empurrãozinho” quando desenvolvemos projetos de literatura como a hora da história. Os alunos, antes resistentes, passaram a cobrar a leitura diária, a escolher os livros que serão contados com entusiasmo e ao término da leitura há um misto de alegria por descobrirem o fim da história e de tristeza por se despedirem de personagens que estiveram presentes durante alguns dias. “Dá uma tristeza quando tenho que me despedir dos personagens da história. Sinto saudades deles.”, escreveu um aluno de 4ª série, em uma cartinha.

Outra mudança bastante significativa que observamos é na biblioteca. Logo que iniciamos o trabalho com um livro, os alunos vão procurá-lo. Então, realizam o empréstimo do livro de mesmo título, de outras obras do autor, ou ainda do mesmo gênero que está sendo lido em sala. Muitos deixaram de ler somente gibis e revistas, passando a ler livros mais consistentes.

E há ainda as produções. As crianças desenham e escrevem textos e mandam para os colegas, colocam-nos no mural da sala, pedem para a professora de informática postá-los no jornal eletrônico da escola. Tudo isso sem caráter de atividade pedagógica, mas por vontade e iniciativa dos próprios alunos. Não há a cobrança de uma atividade posterior à leitura, é o próprio trabalho com a literatura que desperta a imaginação e a criatividade. Essa poesia foi escrita por uma das alunas nos dias que antecediam as férias de julho, quando a professora disse que iria viajar:

BOA VIAGEM
Quando a Deisily viajar
O mundo ela deixará
Todos vão sentir sua falta
Até o Mapa-Mundi
E agora o que todos

Querem gritar: boa viagem!
(Jaqueline Ortiz, 9 anos)

A literatura é um estímulo à criatividade, na medida em que mobiliza a imaginação do leitor. É o que afirma Moacir Scliar, na já mencionada Semana Pedagógica. “Contar e ouvir histórias está embutido em nosso genoma, é algo que acompanha a humanidade desde há muito tempo”. (www.cidadedoconhecimento.org.br).

O trabalho que realizamos com a literatura também teve seu reflexo no concurso de frases de Curitiba, quando alguns alunos produziram frases falando da leitura: “Minha professora incentiva a leitura porque os olhos ficam brilhantes, o rosto se enche de vida, os passos ficam mais leves, descobrimos a alegria de ler e o conhecimento entra em nossas vidas”. (Bianca Gunha Mendes, 9 anos).

Ademais da procura de livros, do interesse despertado pelas histórias e da criatividade colocada em cada produção, em cada desenho, há ainda os sentimentos que são provocados. Sonhos, desejos, alegrias e tristezas afloram. Depois da leitura do livro *A bolsa amarela* (2003), de Lygia Bojunga, uma aluna propôs que a turma fizesse um desenho do que gostariam de guardar na bolsa. Foi nesse momento que surgiram grandes revelações: “Queria que meu pai voltasse pra casa”, “Guardo o meu desejo de ser criança pra sempre”.

A literatura transforma, desperta a sensibilidade, possibilita a caminhada pelo desconhecido, estimula a criatividade. A leitura é um grande instrumento que os professores têm para despertar e senso crítico e reflexivo das crianças, pois um mesmo texto possibilita diferentes interpretações. E

Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver, baseados na liberdade de expressão, independentemente do livro que lhes foi apresentado, pois a justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, Regina, 2003, p. 18).

Quando lemos um livro, um quadro, um filme, uma peça, um musical, enfim, um texto, deparamo-nos com alguns sinais que emanam uma motivação e que nos fazem acionar a memória, criar laços com a alma, com o coração. Esse acervo de histórias que fica em nossa memória nos faz refletir sobre o que lemos. Com a leitura, colhemos conhecimentos que são armazenados na memória; assim dá-se a interpretação, assim atribui-se à memória a condição

de herança valiosa, que é renovada a cada dia. E como a memória de cada indivíduo conta com determinadas lembranças, cada leitor visita um texto de um modo, descobrindo nele diferentes tesouros. É como Helena Kolody diz sabiamente em um de seus poemas: no poema e nas nuvens, cada um descobre o que deseja ver. É por isso que a literatura liberta e nos convida a grandes vôos, vôos de águia.

Abriu um livro, ver um filme, ouvir uma música, apreciar um quadro, é deixar aflorar as muitas malas contendo as bagagens da vida. É acessar memórias pessoais e coletivas e renová-las. É ler com olhos-de-ver-o-mundo, buscando o novo a partir da herança viva que se traz nas veredas da memória, é tecer as palavras liberdade, transformação e identidade – ave palavra! – com todos os seus significados, no coração e na memória. Ler é criar uma grandiosa teia de afetos que transformam o ser num contínuo e sempre novo ir-e-vir.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. (org.) **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

CARPINEJAR, Fabrício. A infinita infância das palavras. **Revista da Cultura**. São Paulo, n. 08, p. 07-08, mar. 2008.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

Endereço eletrônico: [www.cidadedoconhecimento.org.br]. Acesso em 20 set. 2007.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**. São Paulo: Record, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.